

BAVINCK, Herman. **A certeza da fé**. Tradução de Fabrício Tavares de Moraes. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2018. 124 p.

## A certeza da fé é filial

Lethícia Dutra Leal Ferreira Fernandes<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração (UNISUL); Especialista em Auditoria e Controladoria (UNINCOR); Mestra em Gestão, Planejamento e Ensino (UNINCOR). Aluna do Invisible College nas Tutorias de Teologia Essencial (2023) e Teologia Avançada (2024) e no Laboratório Invisível: Abolição Afetiva (2023) como pesquisadora. <https://lattes.cnpq.br/7424603653233310>

A obra *A certeza da fé* comunica tão diretamente os dilemas que enfrentamos em nossa sociedade hoje que sua leitura lembra uma experiência fictícia de viagem no tempo. Em alguns trechos, a sensação é que Herman Bavinck (1854–1921) está sentado em uma roda de conhecidos, dialogando conosco sobre os conflitos que enfrentamos hoje quando tentamos racionalizar ou relativizar a nossa fé. Sem dúvida, não parece que este livro foi publicado pela primeira vez em 1903.

Bavinck foi um homem que conseguia articular bem os problemas de seu tempo sem se limitar a pontualidades momentâneas. Como teólogo, filósofo e político, trabalhou e fez a diferença de forma prática para a sociedade de sua época, contudo, também se propôs a dialogar estendendo seus pensamentos para adiante dos movimentos que ocorriam no seu presente. Sua origem em uma família cristã de linha puritana e seus estudos na Universidade Livre de Amsterdã proporcionaram o equilíbrio teológico dogmático característico do autor, mas podem ter também o ajudado a trabalhar piedosamente na sua sociedade no presente enquanto pensava e articulava o pensamento do seu amanhã.

A escrita quase devocional do livro *A certeza da fé* apresenta a versão mais acessível de Bavinck. Todavia, de forma alguma isso faz do livro uma obra rasa, mas apresenta de forma pastoral o pensamento filosófico-teológico reformado sobre os fundamentos da nossa fé. No prefácio à edição brasileira, o tradutor Fabrício Tavares de Moraes sintetiza eficazmente o conteúdo da obra e adiciona notas de rodapé que facilitam a contextualização do leitor.

O livro é estruturado em quatro partes principais bem encadeadas nos capítulos: *A perda da certeza*; *O que é a certeza?*; *A busca pela certeza*; e *O caminho para a certeza*, nos quais o autor não só apresenta o problema da dúvida na fé, mas mostra que lidamos de forma errada com o nosso conhecimento e aponta para a adoção que a fé cristã fornece e dá a certeza da nossa fé.

No primeiro capítulo, de forma bastante objetiva, Bavinck faz um apanhado histórico, mostrando a Revolução Francesa como uma virada no pensamento sobre a fé. Nesse período, a dúvida, que antes era apenas um método utilizado na busca pela certeza, virou a base do pensamento, “a doença de nosso século, trazendo consigo uma fileira de problemas e pragas morais” (p. 28). Esta doença, infelizmente, ainda é frequente até hoje, onde a certeza da fé é encarada como fanatismo. O autor fecha o capítulo enfatizando que não adianta todas as conquistas e ditos progressos da humanidade se não temos descanso e paz quanto à morte e a vida eterna. Para começar a pensar a certeza da fé, o autor pontua ser necessário “um espírito humilde e despojado” aliado a “uma atitude franca e imparcial” (p. 30).

Para continuar seu raciocínio, o autor trabalha, no segundo capítulo, com o conceito de certeza, mostrando que, ao longo da história, o homem – seja letrado ou leigo – sempre buscou essa segurança, que nenhuma ciência é capaz de preencher no coração humano. “A ciência pode honrar o mistério do ser, mas jamais explicá-lo” (p. 35). Após se decepcionar com essa limitação da ciência, a humanidade tentou buscar essa segurança na arte, na deificação do homem e até no misticismo de outras religiões, mas logo vê-se que essa segurança não pode ser conquistada por esforço humano, nem herdada, nem comprada por obras. “A certeza existe quando o espírito encontra repouso absoluto em seu objeto de conhecimento” (p. 39) e Bavinck expõe com clareza que o conhecimento do homem, por ter sido formado à imagem e semelhança da Verdade, procura repouso na Verdade, mesmo em estado decaído pela Queda, onde se engana com a mentira com aparência de verdade. No fim do capítulo, o autor difere a certeza da ciência, edificada sobre observação e pensamento que basta para seus objetivos, da certeza da fé, que, buscando pelo eterno, é edificada pela autoridade transcendente, a revelação. Sua base e força consistem no “Assim diz o Senhor” (p. 42–45). Essa é a fé capaz de suportar e transcender dores, perseguições e martírios, pois teme somente o seu Autor.

No terceiro capítulo, para exemplificar seu argumento anterior, o autor volta a recorrer aos movimentos históricos que buscaram a certeza da fé. Ele aborda as religiões não cristãs, como também os equívocos do Catolicismo Romano que vinculava a certeza de salvação pelas obras, a Reforma Protestante e a tentativa de devolver a piedade cristã ao seu lugar de importância, porém afirmando que a certeza da fé repousa na justificação operada pela salvação que vem do Senhor. Bavinck prossegue na certeza

que repousou sobre a Ortodoxia e a tentativa de resgate dela pelo Pietismo, que acabou por enfatizar demais a experiência pessoal e o isolamento da sociedade. O autor, então, aborda o movimento dos Morávios e dos Metodistas como resposta, cada um com seus acertos e seus excessos e, por fim, a grande incerteza promovida pelo racionalismo, que buscou no homem a certeza e a medida de todas as coisas, acarretando mais dúvida e insegurança da fé.

Finalizando sua exposição, o autor dedica o último capítulo a mostrar o porquê da religião cristã ser a única que pode oferecer a certeza da fé, ultrapassando tanto os métodos de prova dos racionalistas quanto as experiências pessoais propostas pelos liberais. A certeza da fé exige mais que isso. Ela exige um testemunho confiável para além da experiência do homem ou da ciência da natureza, ou seja, o testemunho das Escrituras. “Todas as verdades da fé cristã vêm ao homem a partir de fora. Elas são-lhe conhecidas apenas por meio da revelação, e tornam-se sua possessão só quando ele as aceita como uma criança na fé” (p. 82). Essa decisão de aceitar o Evangelho é posta por Bavinck como uma decisão moral, pois não pode ser coagida e gera mudança real, frutos de acordo com sua natureza.

Ademais, todo esse processo ocorre no coração, uma vez que é onde a fé tem seu fundamento. “Assim como o conhecimento somente se dá quando o objeto conhecido e o sujeito cognoscente são condizentes, assim o verdadeiro conhecimento de Deus é possível apenas mediante a fé, que ele mesmo desperta em nossos corações” (p. 89). A fé cristã é aquela que nos dá Espírito de adoção ao invés de espírito de escravidão, pelo qual podemos nos achegar a Deus com a certeza de que somos filhos e, assim, chamá-lo de Pai. A certeza filial é a única que pode dar à fé o descanso da dúvida, pois não depende de nós, mas descansa na obra consumada de Cristo. É a única que nos dá segurança de “permanecer nas promessas de Deus de que ele não lançará fora aquele que a ele suplica, em Cristo, graça e perdão” (p. 95).

O apêndice do livro é uma obra à parte. Pickell expõe com clareza como Bavinck se apoiou no pensamento de Agostinho sobre o mal e elaborou de forma mais completa a incompreensibilidade do mal, explicando nosso processo cognitivo feito à imagem e semelhança de Deus. E antes que pareça que o apêndice não tem muito a ver com o tema do livro, o entendimento do conhecimento humano de Bavinck exposto nele ajuda e muito a entender os argumentos usados no livro, proporcionando um fechamento incrível para essa obra compacta, porém riquíssima em conteúdo.